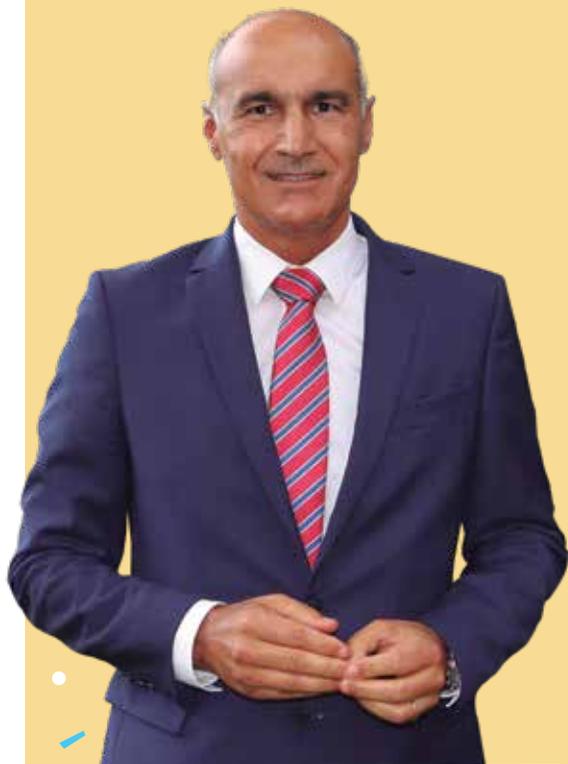


PONT@ VÍRGULA
Ilustração **vencedora**
do concurso
'Grande Ideia'



Mariana Vasconcelos
EBS de Machico



Olhar e ver

Quem se limitar a olhar rapidamente para o conjunto das edições do 'Ponto e Vírgula' do ano letivo 2020/21 ficará com a sensação de que não há nada de novo – a 'malta' continua empenhada em participar, os trabalhos surgem com naturalidade, as escolas projetam-se nas análises, ideias, sentimentos e emoções a que os seus alunos dão forma concreta, criando e partilhando com a sociedade em que integram experiências que os currículos não previram e as avaliações não integraram.

Mas é possível, nesse mesmo exercício, olhar com um pouco mais de atenção as páginas do 'Ponto e Vírgula' e ver que há muito de novo em todas elas – a sua produção, desenvolvida em tempos de pandemia e, em parte significativa, até em regime de confinamento, traduz essa nova realidade de forma clara e inequívoca, demonstrando quanto os jovens têm consciência dos tempos que vivemos mas não se deixam vencer pelas dificuldades.

Numa edição dedicada a classificações dos diversos concursos, há, por isso, que declarar todos os participantes vencedores, como de algum modo está implícito na dificuldade reconhecida pelos jurados em estabelecer hierarquias. Afinal, e em síntese, há a noção clara de que se faz, apesar das circunstâncias, mais e melhor 'Ponto e Vírgula' do que nunca, ainda que para dizê-lo seja preciso olhar com o tal pouco mais de atenção. Uma nota final – esta produção não conta para a média das disciplinas, não eleva a nota de conclusão do Secundário, não abre caminho para candidatura ao Ensino Superior, não entra nas contas dos *rankings* das escolas. Mas, sem substituir nenhum daqueles itens, tem um valor inegável que só pode ser medido pela consciência de que há escola para além dos números. Para confirmá-lo, basta olhar querendo ver.

Jorge Carvalho

Secretário Regional de Educação,
Ciência e Tecnologia

No ano passado, festejámos assim...



este ano...
16 de junho,
na Quinta Magnólia



segue o teu PV...



@PVnaEscola

Poesia

1.^a classificada

Daniela Gomes

Escola da APEL (Funchal)

Este poema foi inspirado num desgosto amoroso?

Inspirei-me no amor a nível geral. Enquanto jovens, estamos a experienciar os primeiros desgostos amorosos, que são algo normal na nossa idade. É uma experiência com que muitas pessoas se podem relacionar, no sentido de que nem sempre o amor é o romance de que se fala nos livros. É difícil e é algo que contribui para a maturidade. Foi em tudo isso que me inspirei para o poema que escrevi.

Como é que se supera uma desilusão?

É isso que mostro no poema. Tento transmitir que por não funcionarmos com uma certa pessoa não significa que não a queiramos na nossa vida. Claro que o sentimento que impera não é muito bom. Ao fim de algum tempo e com o crescimento, que é uma das etapas mais importantes, é algo que acaba por passar, fica a experiência, acima de tudo.

No teu poema falas da primavera, porque não numa outra estação qualquer?

A primavera de março é uma estação que surge num período em que terminou o inverno, que por sua vez é associado ao frio, à tristeza e à solidão, no mundo literário. Escolhi porque é uma altura de transição. Por vezes, na primavera esquecemos que a estação já começou porque ainda existem dias de inverno. Quis estabelecer um paradoxo com a tal relação amorosa de que falo no meu poema.

Como é que vês a idealização do amor?

A idealização do amor é algo que fazemos sempre com a nossa primeira paixão; é um amor inocente e ingénuo que vem em idades muito tenras, numa altura onde nos falta a maturidade. Acho que, ao crescermos dentro da relação, percebemos que há coisas que eventualmente não são para sempre!

No poema fazes uma referência a «sufocar com as palavras». Qual a conexão com a relação amorosa?

Quando acabamos uma relação amorosa é como acabar uma frase numa vírgula. Há muita coisa que fica por dizer. Há uma ideia de que muitas coisas poderiam ter sido ditas de outra forma. Há outras coisas que não se dizem e aí as palavras acumulam-se. Por isso, as palavras também nos sufocam. Mas também acredito que esse sufoco um dia tem fim. As relações amorosas são algo muito impactante, mas também muito efémero na nossa vida. Não podemos deixar que esse sofrimento nos acompanhe ao longo da nossa vida amorosa.

Comenta a tua própria frase «nada se esquece e nada é em vão, é tudo uma aprendizagem».

É isso que quero transmitir ao longo do poema. A nossa memória funciona de uma maneira que, por mais que passem os anos, nunca poderemos esquecer. Os sentimentos maus vão e os bons ficam. O rompimento de uma relação não é sempre algo mau, por vezes e a longo prazo, pode ser uma oportunidade de crescimento. Nem tudo dura para sempre. Um trabalho não é eterno, os amigos nem sempre ficam juntos para sempre, a escola não fica na nossa vida para sempre, só mesmo o amor de pai e de mãe.

Gostavas de ser escritora?

Gostava sim. Não digo que esse fosse o meu principal trabalho, mas gostava de publicar as minhas próprias obras. Gostava de ver o meu nome na capa de um livro exposto numa livraria. Gostava que as pessoas lessem aquilo que tanto prazer me dá em escrever; que os meus leitores me abordassem e dissessem «eu identifico-me tanto com aquilo que tu escreves e pensas». O prazer de ver pessoas revendo-se num texto escrito por mim seria bastante gratificante.

Entrevista realizada pelo aluno Carlos Eduardo Gouveia, vencedor da categoria de 'Investigação Histórica'.



Primavera de Março

As gotas caem vagarosamente
Na janela baça pelo frio.
E, na chegada da primavera, lembro
(Se fechar os olhos até sinto)
O calor teu, meu, nosso alento.

Uma leve penumbra sobre a memória
da tua face assombra-me o pensamento.
Neste lugar que ambos conhecemos
Penso como foi, como é,
Como poderia ter sido.

E dói,

Arde, corrói cada canto do meu ser,
Saber que, porque o nosso amor
Voou com o vento do inverno,
O teu riso não pude ouvir
Assim que a primavera se fez sentir.

Dói, sufoca, afogo-me nas palavras
Que nunca cheguei a dizer,
Que ficaram presas na lucidez da minha garganta
E ali padeceram;
Sem força, morreram.
Fere-me a falta de te amar,
Esquarteja-me a memória distante,
Mata-me saber que amanhã não te serei nada,
Que não me serás nada,
Que não seremos, nesta vida, nada

Para além da primavera de março.

Júri

Francisco Fernandes

Economista e autor de literatura infantojuvenil

Lília Mata

Jornalista da Antena 1

Roberto Ferreira

Jornalista e subdiretor do Diário de Notícias da Madeira



2.^a

Matilde Brazão

ES de Francisco Franco (Funchal)

3.^a

Leonor Mendonça

EBS Dr. Francisco de Freitas Branco
(Porto Santo)





Mar, o sustento das minhas gentes

Nasci de uma terra simples, aprendi de gentes simples, e, nessa simplicidade de ser, dei por mim a ser um dos raros abençoados que tem a honra de chamar o mar de quintal.

Desde o início dos meus dias vivi uma realidade de tal perfeição que chega a desafiar o próprio conceito de realidade. Da janela do meu quarto via as canoas partirem, barcos, que à descoberta, levavam os homens além-terra e gaivotas que, num voo raso se aproximavam da água de forma majestosa. Naquelas tardes quentes de verão ouvia a minha avó a contar as alegrias e amarguras que o mar lhe havia trazido desde tenra idade. Contava, com orgulho no olhar, que o seu pai saía bem cedo e ia pelo mar fora para conseguir sustentar uma família inteira. A sua mãe, em terra firme, fazia o almoço e rezava para que o pudesse entregar.

Quando se aproximava a hora da partida juntavam-se todos no cais para ver e admirar aquele ritual de todos os dias, mas que, por se parecer com uma dança, fazia valer a pena cada segundo de contemplação. Os pescadores já aposentados e ainda com o reflexo do mar nos olhos esboçavam um sorriso e acenavam com a cabeça, lembrando-se do tempo em que eles próprios ocupavam o lugar principal daquele espetáculo que, ao longo do tempo, nunca foi perdendo a graciosidade. Amigos próximos e desconhecidos chegavam-se aos que estavam prestes a partir e desejavam-lhes sorte. «Um mar chão e ventos de feição», era o mais sincero desejo daqueles que ficavam em terra.

Após as despedidas, iam ao encontro do inseguro, em escaletas menores do que aquilo que pescavam e, com coragem, Deus e um arpão construíram casas e criaram filhos. Do imenso azul fizeram tudo o que precisavam e, balançando-se nas ondas e unindo a cara com maresia, carregaram nos ombros a geração mais digna e pura.

Ao içarem as velas ao mar, partiam sem chorar e, por saberem cantar a melodia das marés vivas, mesmo sem saber, ensinaram-me a magia do verbo navegar; por isso, a estes heróis pescadores, só tenho a dizer: obrigada!

Já a ti, mar, agradeço por me sustentares a alma e por teres sido, outrora, o sustento das minhas gentes.

Júri

Graça Alves

Professora do Ensino Secundário

Marta Caires

Jornalista

Paula Henriques

Jornalista do Diário de Notícias da Madeira



1.^a Conto
classificada

Eva Nascimento

EBS/PE/C do Porto Moniz

Qual foi a ideia que quiseste passar aos leitores?

Acima de tudo quis mostrar a forma como o mar foi o sustento e a base de vida dos meus bisavós.

Descreveste os ambientes da zona piscatória do Porto Moniz. Esses ambientes contribuíram ou têm alguma inspiração nas tuas gentes?

Sim, estou a falar sobre o meu município. Foi lá que nasci e é onde vivo. O Porto Moniz tem muita influência na pessoa que sou. Acho que o ambiente piscatório se revela muito na minha personalidade, pois sou uma pessoa com uma vertente simples, tal qual os habitantes do meu concelho.

Qual a importância que o mar tem para ti, quando estás junto dele?

Para mim representa uma infinidade de possibilidades e de objetivos que posso cumprir.

De onde tiraste inspiração para escreveres este conto?

Principalmente das histórias que a minha avó conta. Também da realidade que em tempos se viveu e da atual situação, também. É preciso valorizar o lugar que nos viu nascer, bem como as suas gentes.

O que mais te surpreende na liberdade criativa?

O facto de não haver limites, de cada um se expressar como quer e de não haver uma regra para cumprir.

Alguma vez tinhas imaginado escrever um conto?

Não, só agora é que me apercebi da importância do que é ouvirmos o que a nossa família tem para nos contar, principalmente os mais velhos, os nossos avós.

É aqui que pões em prática o que aprendes nas aulas de Português?

Sim, claro.

Como é que te orientaste para a escrita deste conto?

Assim que a professora me lançou o desafio para esta participação, pensei imediatamente neste tema. Foi também um pouco intuitivo, pois no fundo já conhecia parte da história. Comecei a escrever e saiu tudo.

Foi um processo algo doloroso, pensares nas dificuldades que o teu povo outrora viveu, por exemplo, no que diz respeito à pesca?

Não, apesar dessas dificuldades todas que enfrentaram, eles eram felizes e tinham muito orgulho naquilo que faziam.

Nota-se a determinada altura neste conto que falas do teu concelho e das suas gentes com tamanha vaidade!

Sim, o meu povo reflete-se naquilo que eu sou. Toda a gente devia sentir orgulho das suas origens e das pessoas que estão à sua volta, porque são elas que acabam por construir a nossa personalidade.

Foi necessário leres outros contos para escreveres o teu?

Não, foi muito intuitivo, eu tinha o tema e a partir do tema – que é algo que me diz muito, o mar e os meus antepassados – foi necessário apenas começar a escrever.

Entrevista realizada pela aluna Joana Freitas, vencedora da categoria de 'Vídeo'.

Ana Beatriz Góis
ES de Francisco Franco
(Funchal)

Clara Figueiredo
ES de Jaime Moniz
(Funchal)

2.^a

3.^a

Fotografia

1.^a classificada

Laura Jardim

ES de Francisco Franco (Funchal)

Porquê a fotografia?

Sempre tive o hábito de, com o meu telemóvel, fotografar pequenas e grandes coisas. Houve uma altura em que senti que queria investir um pouco mais nesta área. Queria explorar mesmo a fotografia. Saber o que ela significava e o que é que podia trazer de bom para a minha vida. Falei com a minha mãe e investimos numa máquina fotográfica e tenho vindo a fotografar a minha vida no geral. Momentos que quero guardar. Não só bons, mas momentos que eu crio, como é o caso deste concurso, por isso a fotografia está presente todos os dias na minha vida, seja ao acordar a ver o nascer do sol ou quando o meu relógio marca as zero horas. É algo mesmo muito importante para mim, pois todos os meus momentos são registados dessa forma.

Já a nível de concurso, o que te inspirou, em primeiro lugar, para a criação desta fotografia?

A minha professora de Desenho falou-nos, no início deste ano letivo, do 'Grande Ideia' e desta categoria em que a turma toda acabou por participar. O tema que nos foi proposto, sobre o 'Insólito', foi a principal inspiração. Para começar, confesso que não sabia ao certo o significado do insólito neste contexto. Estive à conversa com a professora, que me explicou o que podia fazer. Assim que entendi o pretendido, soube logo o que ia precisar para a minha fotografia. Fui buscar elementos que uso no meu dia a dia. Olhei as minhas sapatilhas e tirei-lhes os atacadores brancos e pu-los num prato. A partir daí foi um processo divertido.

Como é que este tema teve impacto na sociedade atual?

Depois de criar aquela composição toda dos atacadores brancos num prato, para serem servidos como massa, naquela sequência fotográfica, e ao falar com a minha professora, chegámos à conclusão de que a fotografia acaba por tocar um pouco no tema da saúde.

Hoje em dia, vivemos numa sociedade de um consumo cego, onde tudo à nossa volta nos impele para o dispêndio. O apelo é sempre para que se compre algo. Para que se coma algo. A verdade é que muito raramente nos questionamos se os produtos são bons para a nossa saúde ou não. Qual o efeito de todos esses produtos na nossa vida, no nosso corpo e na nossa saúde? A vida contemporânea hoje em dia é isso, comprar imenso. Por isso temos comportamentos altamente autodestrutivos. Por isso, na sequência fotográfica, eu surjo a comer os atacadores que servem de massa e que apelam para uma reflexão de como nutrimos o nosso corpo.

Qual foi o maior desafio aquando da produção deste trabalho?

Foi, definitivamente, o espaço limitado que eu tinha e o tempo reduzido, também. Não foi muito na criação da ideia. Não foi criar a composição. Descobrir a melhor posição para colocar a máquina também foi difícil. As poses não foram um problema, nem preparar os materiais. O mais difícil foi o espaço da mesa que eu tinha naquele momento e que era o único ângulo de toda a minha casa onde batia aquela luz. Achei muito importante aquele exato tipo de luz, por causa do 'Insólito'. No fundo, queria uma coisa forte, com muito contraste; queria aquela exata posição da câmara. Foi mais nesse sentido, o do espaço que tinha, e o conseguir colmatar o tempo de duração da luz, que era de umas três horas, no máximo.

Vês a fotografia como parte do teu futuro criativo?

Sim! A fotografia vai estar sempre comigo e eu vou utilizá-la para qualquer processo, como ferramenta de trabalho. Não me vejo a trabalhar com a fotografia a nível profissional, mas sei que vai ser uma grande parte da criação de ideias.

Entrevista realizada pela aluna Daniela Gomes, vencedora da categoria de 'Poesia'.



Como te destróis



Júri

Ricardo Duarte Freitas

Jornalista e coordenador do Diário de Notícias da Madeira

Simon Zino

Fotógrafo e designer

Sara Reis Gomes

Bióloga e fotógrafa



2.^a

Raquel Vieira
EBS de Santa Cruz

3.^a

Joana Freitas
ES de Jaime Moniz (Funchal)



Festa da Nossa Senhora da Boa Morte

Nem toda a tradição tem necessariamente de possuir uma longa vida. Em 2004, na Boa Morte, uma pequena localidade do concelho da Ribeira Brava, iniciava-se a escrita de uma nova história, com a reconstrução de uma capela que outrora pertencera a um casal sem filhos. Após a morte de ambos, esta ficou para a Diocese e, com o passar dos anos e a falta de manutenção, acabou por ruir. A população local sempre mostrou grande interesse na reconstrução da capela, mas a Diocese sempre se opôs. Com muita perseverança iniciaram, com o apoio de todos, a reconstrução tão ansiada. A vontade era tanta que, no espaço de um ano, com a ajuda do povo, a capela estava concluída. Para marcar esta conquista, fez-se uma festa que decorreu no segundo domingo de outubro de 2004. Desde então, celebra-se este feito no segundo fim de semana de outubro. No sábado, véspera da Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, a festa inicia-se com a romagem do sítio, pelas dezanove horas, e de seguida a Novena, normalmente às vinte. No domingo, há a missa da festa, geralmente às quinze, seguida de procissão. Uma curiosidade acerca desta história é o porquê de a capela ter o nome de Nossa Senhora da Boa Morte. Este nome foi atribuído pelo povo e deveu-se à admiração que sentiam por esta Santa, ao ponto de fazerem de tudo para que pudessem trazer de volta esta figura para a capela, que dá nome ao sítio. Desde que a festa é celebrada, apenas uma vez houve festeiro, o que quer dizer que nos outros anos a festa aconteceu com a contribuição de todas os habitantes do sítio, o que mostra uma união e uma força de vontade enormes. Segundo o testemunho de Conceição de Sousa, comerciante do sítio e organizadora desta festividade, em tempos chegava a passar dias na cozinha com vizinhas a confeccionar broas, que posteriormente eram vendidas com o intuito de angariar dinheiro para a organização do evento. As pessoas juntam-se para ajudar em tudo o que é necessário para levar a cabo este arraial. Há barracas de comes e bebes, bandas musicais e muita animação. A festa da Nossa Senhora da Boa Morte já teve mais adesão. Antes era muito divulgada, na rádio principalmente, e vinham pessoas de longe, dos vários concelhos da ilha, pois acontece numa época do ano em que não há muitos arraiais, mas com o passar dos anos, apesar de igualmente divulgada, foi perdendo alguns dos romeiros e o seu devido reconhecimento. Resta a esperança por dias melhores. Devido à pandemia que o mundo está a enfrentar, a festa deste ano, com muita pena dos residentes de Boa Morte, teve de ser cancelada, como aconteceu com muitas outras festividades por todo o mundo.

Agora resta-me esperar que no próximo ano seja possível celebrá-la, uma vez que desejo conhecê-la melhor! Assim, posso constatar que nem todas as festas e tradições têm de nascer no século passado, é possível fazer história no presente!

Júri

Luís Eduardo Nicolau

Historiador, investigador do CIDEHUS-UE

Jorge Sousa

Jornalista do Diário de Notícias da Madeira

Eduardo Simões

Historiador



Investigação histórica

1.^a classificado

Carlos Eduardo Gouveia

EBS Padre Manuel Álvares (Ribeira Brava)

Como surge a tua participação neste concurso?

No ano letivo passado fui o correspondente do 'Ponto e Vírgula' da minha escola, a EBS Padre Manuel Álvares, na Ribeira Brava, portanto já tinha conhecimento do concurso 'Grande Ideia'. No ano em curso, cedi o meu lugar de correspondente a outro colega. Havia categorias a concurso muito interessantes; até participar foi apenas um passo.

Porque escolheste fazer uma Investigação Histórica?

Não foi bem escolher. Participei em duas categorias. Já tinha escrito o conto, quando decidi participar também na Investigação Histórica. A verdade é que não previ a segunda participação. Foi-me feito novo desafio, tive disponibilidade e concorri.

Como decidiste que a tua pesquisa seria sobre a capela da 'Boa Morte'?

Foi também um acaso. Vivo em Campanário e a quarentena obrigou-me a estar em casa, mas como não gosto de estar parado, gosto de fazer exercício físico, ia sempre correr pela levada e, a certa altura, ao passar pela Boa Morte, deparei-me com esta capela. Não sabia o nome, nem o porquê da existência daquele espaço naquele local. Era algo tão pequeno que quase não dava nas vistas, apenas percebi que era um bem religioso por causa do sino. No dia em que me foi proposto entrar neste concurso, a professora – que é natural da mesma zona da capela – sugeriu que fizesse o trabalho sobre aquele monumento. Como já tinha despertado a curiosidade sobre aquele espaço, pensei que fazia sentido e aceitei o repto.

Depois dirigi-me ao local com a ajuda da professora e falei com a pessoa responsável pela manutenção da capela. Foi-me explicado o porquê da existência da mesma, de como a festa acontecia naquele local e, a partir dessa pesquisa, consegui fazer o meu trabalho.

Qual foi a maior dificuldade na elaboração do teu trabalho?

Como não tinha conhecimento algum sobre a referida capela, e tratava-se de fazer uma Investigação Histórica a fundo, tive de ir à procura das pessoas que me podiam ajudar com todos os detalhes possíveis, pelo que procurei imensa informação. No início, foi bastante complicado, pois eu nem sabia onde procurar um ponto de partida para toda a minha pesquisa.

Após a tua Investigação Histórica, ganhaste mais interesse sobre a história da capela e da sua festa?

Sim, naturalmente! Desta festa, que, hoje sei, acontece nessa capela, só agora associo a uma giranda de fogo de artifício que via a partir da minha casa. Assim que a situação atual permitir, é algo a que quero assistir e compreender pessoalmente.

É preciso entender o passado para perceber o presente?

É claro que sim, é uma necessidade, porque a história é importante e faz parte de todos nós. O passado é feito de história, o presente de aprendizagem e o futuro de ideias e de inovações que não podem ser deixadas em branco. Temos de saber juntar o passado e o presente para tentarmos perceber as nossas raízes.

Entrevista realizada pela aluna Margarida Costa, vencedora da categoria de 'Vídeo'.

Ana Maria Santos
EBS de Machico

2.^a

Beatriz Encarnação
ES de Jaime Moniz (Funchal)

3.^a



Reportagem

1.^a classificada

Eva Oliveira

EBS Gonçalves Zarco (Funchal)

A tua reportagem centra-se na exposição da professora Teresa Jardim, que aconteceu na tua escola. Fala-nos sobre isso.

A exposição em si fala em dar a palavra, também no conteúdo da escrita. Quem viu a exposição sabe que também tem um pouco a ver com a escrita; como esta é muito importante para mim, este tipo de exposição acaba por ter uma relevância mais valorativa.

O que é que entendes sobre o título 'Dar a palavra'?

Eu relaciono mais no sentido da escrita, porque as obras que foram lá transmitidas não foram apenas uma obra de arte, ou simplesmente um desenho, foram palavras que transmitiam emoções e sentimentos.

Como é que vês o dar a palavra ao outro através das imagens?

As palavras são muito mais importantes. Se nós queremos ter uma conversa com alguém, é melhor usarmos palavras mais ricas e mais construídas, mas que tenham algum significado. Que não sejam simplesmente palavras que são jogadas ao acaso. Portanto, dar a palavra ao outro não pode ser uma coisa feita ao acaso. Tem de ser uma coisa real, algo sincero e algo importante.

Falas, também, no texto sobre o poder salvador da palavra. Como é que uma palavra pode salvar?

A palavra é tudo. Nós, com as palavras, conseguimos fazer um pouco de tudo, transmitir as nossas ideias e os nossos pensamentos. É neste aspeto que a palavra é um ser salvador, pois a palavra está inscrita em todo e qualquer tipo de lugar. Ela salva de tudo, porque é uma complementaridade entre tudo.

Qual a associação do tema com a pandemia?

Na verdade, nós nem sequer chegámos a ver a inauguração presencialmente e, por isso, com a pandemia, acabámos por ver digitalmente, o que também leva a que a exposição tenha tido outro significado. Foi mais marcante porque é outro contexto, pelo que dá uma perspetiva diferente à exposição.

Como é que foi o desafio de participar neste concurso?

Na verdade, até foi uma professora que me pediu para fazer a reportagem e, como gosto muito de escrever, é sempre um desafio, no bom sentido, fazer um trabalho para o 'Ponto e Virgula', tanto que participei em todas as categorias.

Para onde vão todas as palavras que não são ditas?

Todas as palavras que não são ditas ficam guardadas no coração, para que um dia sejam ditas ou caladas para sempre.

Entrevista realizada pela aluna Eva Nascimento, vencedora da categoria de 'Conto'.



Inauguração da galeria Espaçoamar; 'Dar a palavra'

No pretérito dia 27 de janeiro, ficou patente ao público, na Galeria Espaçoamar, da Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco, mais uma instalação da artista plástica Teresa Jardim: 'Dar a palavra'. O evento da abertura foi transmitido *online* devido ao contexto de confinamento e pode ser (re)visto no sítio web da galeria. Neste evento esteve presente o presidente da Câmara Municipal do Funchal, Miguel Gouveia, que se congratulou com **«o regresso deste tipo de iniciativas, (...) [pois] é importante continuar a apoiar a cultura e a acarinhar os agentes culturais e os artistas regionais.»** Duarte Caldeira, presidente da Junta de Freguesia de São Martinho também esteve presente. A diretora da escola, Cristina Duarte, agradeceu a ambos a presença e o apoio; à artista, a sua disponibilidade; à equipa responsável do espaço, o arrojo da iniciativa e, aos poucos alunos, apelou a que visitassem a galeria e "olhassem" a instalação da artista. Destacam-se, nas peças, as reflexões da artista sobre a palavra e o seu poder, a urgência da inter-relação das pessoas. A palavra tem uma importância enorme, já que Teresa Jardim a aborda como um presente, uma dádiva que oferecemos a quem nos ouve. A artista, também escritora e professora, convida-nos a olhar para a palavra e a pensarmos no modo como vemos o mundo. Dar a palavra é importante e algo a que cada um de nós tem direito. Cada um de nós pode expressar este ato sem se sentir reprimido ou julgado, porque não é ilegal. Num apontamento *online*, a professora Isabel Santa Clara considera que, nesta artista, **«a poesia e a pintura são os dois grandes pilares do seu trabalho e se misturam livremente... e surgem como um quadro na verticalidade da parede»**. Relevo nesta exposição, o poder salvador da palavra. Quem nos pode salvar, senão nós mesmos? Não podemos salvar alguém que não quer ser salvo. Se nós queremos ser salvos, temos de fazer por isso, já que as coisas não caem do céu. E neste contexto pandémico, a arte e a palavra dão outro valor à vida e às relações humanas.

A artista Teresa Jardim recorda o peso da palavra. **«Antigamente, vendiam-se produtos e a palavra era a única coisa que garantia que essa pessoa iria pagar a dívida, era quase como se assinasse um documento a garanti-lo. Será que se perdeu?»** Questiona.

Uma instalação a merecer uma visita, onde em campo expandido a imagem, a pintura e a poesia fazem nascer, nova, a Palavra.

Júri

- Paulo Santos
Jornalista
- Andreia Nascimento
Socióloga
- Ricardo Miguel de Oliveira
Jornalista e diretor do Diário de Notícias da Madeira



2.^a

Margarida Sousa
EBS/PE/C do Porto Moniz

2.^a

Maria Inês Santos
ES de Francisco Franco (Funchal)

3.^a

Lara Ferreira
EBS Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco (Porto Santo)



Afonso Camacho, Margarida Costa e Daniel Vieira

ES de Francisco Franco (Funchal)

Qual foi o motivo de inspiração para a elaboração do vosso vídeo?

Inspirámo-nos nas viagens que podemos fazer ao longo da vida. Abrimos o nosso vídeo logo com a viagem da água, que começa nas nossas serras e acaba no mar, passando por levadas e ribeiras. Tínhamos de melhorar muito a nossa ideia e então principiámos por pensar no que realmente é a viagem da vida. Pela lógica humana, nascemos, passamos pela nossa infância, depois pela adolescência e chegamos à fase adulta, ao fim dos estudos. Pensámos nas amizades, no casamento, na união, na família. Temos uma vida de trabalho. Aposentamo-nos. Depois chegamos a uma altura em que naturalmente morremos. No fundo, quisemos aliar as viagens físicas à viagem que, enquanto seres humanos, fazemos ao longo da oportunidade que temos de viver todos os dias.

De que maneira viram a 'Viagem' como tema?

A 'Viagem' era o tema comum a todos os participantes nesta categoria de vídeo. Pegámos nesse conceito e aprofundámo-lo, porque a viagem não é só mudar de território ou de sítio, é também um itinerário a percorrer durante a vida.

Quais foram os locais de filmagem?

Fomos a diversos pontos, nomeadamente, à Ponta do Sol, Ribeira Brava, e tivemos algumas filmagens também no Porto Santo.

Que materiais utilizaram para este vosso trabalho?

Usámos câmaras normais, entre as quais uma Cannon M50, um drone e um estabilizador, sob orientação do professor Paulo Pimenta.

Como é que editaram o vídeo?

O vídeo foi editado por mim [Daniel Vieira] através do programa Adobe Premiere Pro.

Qual foi a melhor fase do vosso projeto?

Gostámos de todas as fases, embora destaque a idealização dos conteúdos. Tivemos imensas ideias, mudámos de opinião em relação a todas elas inúmeras vezes. Também tivemos pareceres que nunca imaginámos que pudéssemos ter. Foi um processo criativo incrível. A gravação de imagem foi mais o meu colega Daniel Vieira, por ser aquele que tem mais "queda" para o vídeo. Já eu [Margarida Costa] e o meu colega Afonso Camacho trabalhámos mais na fase da edição e das ideias para o vídeo. Acho que, por fim, conseguimos um vídeo bem feito, que superou em muito as nossas expectativas. Queremos deixar uma palavra de apreço ao Professor Paulo Pimenta por nos ter ajudado neste desafio.

Entrevista realizada pela aluna Mariana Vasconcelos, vencedora da categoria de 'Ilustração'.

← **1.º** Vídeo
classificados

Viagem da vida



Gustavo Góis
Escola da APEL (Funchal)

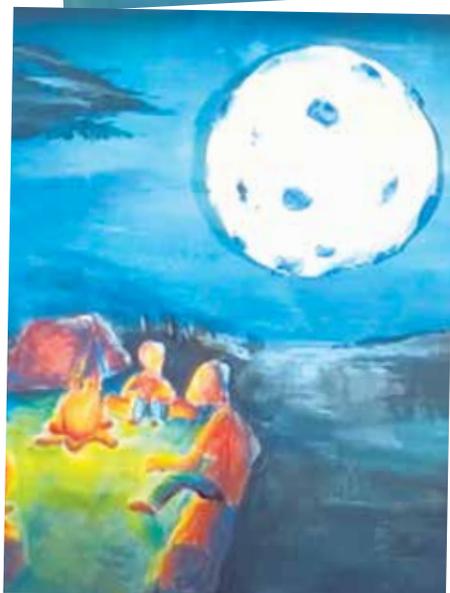
2.º

Adriana Martins, Ana Freire e Helena Câmara
EBS de Machico

3.º

Vídeo ^{1.^a} classificada

Viajar começa em nós



Quão difícil é não viajar neste tempo de pandemia?

Para mim não é muito difícil, porque não viajo muito. Inspirei-me mais na minha mãe para a elaboração deste vídeo. Teve algumas dificuldades em não poder viajar, que é algo de que gosta muito. O facto de estarmos dentro de casa impede-nos de percorrermos fisicamente um lugar qualquer, mas também é como se as paredes nos limitassem a viajar pela imaginação. Senti essa falta mais a nível psicológico. Faltou-me sair de casa para ir à descoberta, para aprender.

«A viagem começa em nós» foi a frase que deu título ao teu trabalho. Qual o significado associado?

Normalmente, a viagem parte de dentro de nós, antes de passar ao verdadeiro conceito que tem uma expedição. Uma viagem física desperta sempre uma jornada interior, nem que seja pelas expectativas que criamos em relação ao lugar onde vamos, à sua cultura e tradições, às pessoas que vamos encontrar. Num testemunho, a minha mãe expressou-se dizendo que, na impossibilidade criada pela pandemia,



Joana Freitas

ES de Jaime Moniz (Funchal)

de não poder sair da região, arranjou como alternativa um percurso turístico através do pensamento. Isso espoletou, também, a ideia para o vídeo.

Podes falar-nos do teu processo criativo?

Foi bastante demorado. Tinha poucos recursos. Foi durante o segundo confinamento em que, por ter aulas *online*, praticamente não saía de casa. Eu e os meus colegas não nos podíamos encontrar. Meti mãos à obra e tive de criar os meus próprios recursos. Com materiais que tinha em casa, fiz os desenhos todos, usando cartão de algumas embalagens. Da minha dispensa, fiz um estúdio de gravação com luz controlada. Tive também de tirar as fotografias que depois foram usadas nas gravações. Fiz de tudo um pouco.

Passaste uma ideia que é vista por todos?

Para quem tem gosto pelas viagens, penso que sim! Todos nós sentimos na pele a falta de liberdade para sair, a que estivemos sujeitos.

Estavas à espera de ganhar nesta categoria?

Não estava mesmo nada à espera. Comecei a fazer tudo já um tanto em cima da hora. Tinha outros planos, mas tive de adaptar a minha ideia aos recursos que tinha em casa na altura. Foi a ideia mais simples e aquela mais pura, a que transmitiu melhor o momento que estávamos passando.

Como é que te orientaste a nível de ideias para a elaboração deste vídeo?

Foi mesmo a conversa com a minha mãe a desencadear o pensamento principal que tive. Disse-me que estava desejosa que toda esta situação pandémica passasse para poder voltar a viajar. Sem me aperceber, fiz um *brain storming*, pensei na palavra 'viagem', comecei a juntar elementos que me ajudassem a dar sentido ao que queria fazer, e daí nasceu também alguma organização de pensamento para dar corpo ao conteúdo final do vídeo.

Entrevista realizada pela aluna Eva Oliveira, vencedora da categoria de 'Reportagem'.

Júri

Eduardo Costa

Realizador e produtor

João Filipe Pestana

Jornalista e coordenador do Diário de Notícias da Madeira

Bruno Chícharo

Designer do Gabinete de Imagem e Protocolo





A inspiração da natureza



detalhe da
ilustração vencedora

Júri

Roberto Macedo Alves

Empreendedor e criador de banda desenhada

Luísa Spínola

Artista plástica e diretora do Gabinete de Imagem e Protocolo da SRE

Éder Luís

Designer, ilustrador e coordenador do departamento de Arte do Diário de Notícias da Madeira



Ilustração

1.^a classificada

Mariana Vasconcelos

EBS de Machico

Qual o sentido do teu trabalho e qual o tema que escolheste?

O tema proposto para a elaboração da Ilustração foi 'A inspiração'. Pensei neste tópico não apenas como uma inspiração criativa, mas sim como o ato de respirar. Nesta altura, é algo muito valorizado devido ao uso de máscara e a algumas dificuldades que daí advêm, devido à atual pandemia. Chegámos à conclusão que é muito importante ter o nosso espaço para respirarmos e, também, para libertarmos o que temos dentro de nós. Durante muitos anos, tínhamos tudo de um modo quase garantido, sem condicionalismos.

Como foi o processo que te levou à ideia final?

Passei por várias ideias. Por coincidência ou não, voltei à minha primeira ideia ao fim de tantas outras que tive. Joguei muito com os materiais que tinha disponíveis no momento e, sem estar à espera, até obtive algo interessante. A ilustração a que dei vida é uma árvore que está desenhada no lugar da cabeça de um corpo humano. No fundo é uma ligação à natureza. Tem os ramos direcionados para o céu e é como se de uma inspiração se tratasse. Os pulmões são representados como se fossem as raízes. É aqui que se enraíza tudo. É uma ligação entre a terra e o céu. A parte da árvore e dos pulmões é que foram desenhados. Tudo o resto é com recortes. A figura humana é toda verde e dá a ideia de parecer guardar toda esta inspiração no seu íntimo.

Qual foi a parte preferida da tua ilustração?

Muito sinceramente, foi a parte do recorte. Criei várias personagens. A ideia era não "fugir" muito à figura humana. Foi também a parte de me sentir livre para, como alguém me disse, "desenhar com a tesoura".

Qual foi a tua maior inspiração para este trabalho?

Acho que foi a natureza. Como o ser humano pode ser tão bonito por dentro e pode, se quiser, seguir muitos caminhos no mundo exterior. Tem é de saber escolhê-los bem.

Que mensagem é que esperas passar com o teu trabalho?

Quero muito que vejam que a técnica não é tudo, e que a mensagem de um trabalho vale muito mais do que apostar apenas em desenhos perfeitos e realistas.

A ilustração tem um papel importante na tua vida. Vês-te a fazer da ilustração o teu trabalho futuro?

Na verdade, penso que não. Acho que é algo muito interessante. Apoio totalmente os que escolhem esta área de trabalho. Algumas ilustrações que observo no dia a dia são mesmo fascinantes. Devo dizer que não imaginei que hoje pudesse estar a falar contigo como uma vencedora desta categoria. Estou felicíssima por estar aqui e ter tido esta oportunidade de participação.

Entrevista realizada pela aluna Laura Jardim, vencedora da categoria de 'Fotografia'.

Patrícia Soares
EBS D.ª Lucinda Andrade
(São Vicente)

2.^a

Juliana Perestrello
EBS de Santa Cruz

2.^a

Agostinho Teixeira
EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas – Carmo
(Câmara de Lobos)

2.^a

Lourenço Coelho
Escola da APEL (Funchal)

3.^a

Agregado por Escola

1.º

ES de Francisco Franco (Funchal)

3.º

ES de Jaime Moniz (Funchal)

Escola da APEL (Funchal)

5.º

EBS de Machico

EBS D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)

7.º

EBS Padre Manuel Álvares (Ribeira Brava)

EBS/PE/C do Porto Moniz

9.º

EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)

EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas - Carmo
(Câmara de Lobos)

11.º

EBS de Santa Cruz

EBS/PE da Calheta

13.º

EBS Gonçalves Zarco (Funchal)

EBS Prof. Dr. Francisco Freitas Branco (Porto Santo)

15.º

EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva (Funchal)

EBS da Ponta do Sol

2.º

4.º

6.º

8.º

10.º

12.º

14.º



Participar, aprender, progredir

1.

Se ensinar é uma arte, motivar é um dom! Que "superpoder" usou para reunir os alunos correspondentes nesta "magia" de conteúdos que foram criando?

2.

Que mensagem deixa a todos os que trabalharam consigo neste projeto, sem se arrepender de uma única palavra?



Ana Kauppila

ES de Jaime Moniz
(Funchal)



1. A motivação não se pode decretar, é preciso que docentes e correspondentes se sintam implicados e que, juntos, alimentem a chama que os faz querer participar, aprender, progredir. O trabalho deste ano, pelas mais diversas razões, sobretudo a pandemia, ficou aquém do planeado, mas a construção que levou às publicações foi a mais elaborada de sempre, a mais proficiente e a mais edificante. Agradeço, por isso, o precioso contributo e a valiosa iniciativa da minha parceira deste percurso, Célia Gonçalves. Há um "superpoder" muito importante que é o da humildade e da cumplicidade, verdadeiro motor da participação em projetos, do respeito por formatos e por prazos que nos colocam o *stress* ao limite (risos). Creio que gostaríamos de ter feito mais e melhor, de ter sido mais criativos e ainda mais profundos nas abordagens. Mas o balanço é extraordinário.

2. Primeiramente, para o Conselho Executivo da Escola, pelo apoio permanente a esta dimensão da educação não-formal dos nossos alunos. Depois, para a Coordenação da SRE. São uma equipa fabulosa, presente em todos os sentidos e muito colaborativa. Sempre recebi as mais simpáticas palavras de incentivo e nunca me senti ausente de ajuda.

A vontade de que o produto fosse sempre o melhor consubstanciou uma linha de colaboração que valorizo e que guardo como uma das mais interessantes dimensões deste projeto. Seguidamente, devo referir a minha colega Célia Gonçalves, que foi a parceira ideal para este percurso, dado o profissionalismo, a criatividade na diferença, a vontade de ir sempre "mais além". Enriqueceu, e muito, o trabalho desenvolvido. Os alunos foram colaborantes e participativos. Descobriram uma dimensão de exigência que não conheciam, ao nível de uma experiência não-curricular, mas à qual se dedicaram com empenho, motivação e brio. Finalmente, e não exatamente por ordem de importância, devo referir o contributo imprescindível do Grupo disciplinar das Artes Visuais e do seu Delegado, Carlos Rodrigues, sem o qual os nossos conteúdos teriam sido infinitamente mais pobres. Este ano, iniciámos, por iniciativa dos docentes responsáveis e pelos seus alunos, uma cooperação preciosa no que respeita à divulgação dos projetos da área de Cidadania e Desenvolvimento, pelo que estamos muito gratos às docentes Susana Calça e Zita Ferreira. A palavra de que nunca me arrependo é "obrigada" e é essa que marca este percurso e a minha participação no mesmo.



Dinâmicas e *workshop* desafiaram professores coordenadores

Ao iniciar a VI série do 'Ponto e Vírgula', fomos desafiados a organizar uma atividade com os professores coordenadores deste projeto. No Centro de Juventude do Funchal (Pousada da Juventude), recebemos este grupo especial para uma tarde de trabalho animada.

O Teatro Metaphora ajudou a criar um ambiente descontraído e divertido, com várias dinâmicas, às quais se seguiram um *workshop* de fotografia, de escrita criativa e de ilustração.

O Secretário Regional de Educação, Ciência e Tecnologia, Jorge Carvalho, quis, pessoalmente, cumprimentar e agradecer a presença dos professores que acompanham esta aventura, alguns pela primeira vez e outros há já largos anos.

O dia terminou com o momento 'Ponto e Vírgula'; colocaram-se questões, trocaram-se experiências e ficou uma forte vontade de voltar a reunir este grupo que nos ajuda a colocar nas bancas todos os meses o nosso Ponto e Vírgula.

Equipa do PV



Palavra de jurado

Num mundo cada vez mais digital, que mudanças ocorrem todos os dias nesta área e nas possibilidades de registar imagens em movimento?

Os vídeos são um dos formatos de conteúdo com maior capacidade de reter a atenção das audiências, sobrepondo-se, em várias ocasiões, ao texto, áudio e fotos. Do jornalismo ao marketing digital, passando pela telescola e a formação à distância, até ao comércio *on-line* e à promissora realidade virtual (VR), o vídeo é, neste momento, o formato de conteúdo em maior expansão (a par dos *podcasts* – áudio). Seja ao alto, na rede social Tik Tok, ou mais quadrado, no Instagram, ou ao baixo, no Facebook e no Youtube, o vídeo passou a ser, diariamente, uma espécie de confidente multimédia, um diário pessoal e uma forma de milhões dizerem ao mundo: «Estou aqui!». Com os avanços da tecnologia e os dispositivos móveis cada vez mais nas palmas das mãos de qualquer um, não há limites ao que o comum dos cidadãos pode fazer com uma simples aplicação (app) de edição de vídeo e acesso à *Net*. Com tudo o que isso tem de positivo e de complexo. Que não haja dúvidas: não há mudanças sem adaptação, sem algum tipo de sacrifício e sem consequências. As imagens em movimento valem por milhões de palavras. É preciso é saber construir uma boa história. Tal como o fazemos com as palavras.

Um bom vídeo depende de um bom argumento?

Depende do que se entende por um “bom vídeo”. O que há mais são vídeos de sucesso (alcance, gostos e partilhas) nas redes e plataformas de vídeos com “argumentos” duvidosos. Hoje, são as audiências, goste-se ou não, que têm uma palavra a dizer sobre o que é ou não um “bom vídeo”. Por exemplo, as análises de dados, em termos jornalísticos, indicam que a rapidez de publicação, meio de comunicação/forma de distribuição e o sentido de oportunidade (o chamado *timing*) são tão importantes no sucesso dos vídeos como o argumento. São disso prova os vídeos amadores de acontecimentos públicos (acidentes, insólitos, etc.) – criados de forma espontânea e genuína –, por vezes com maior alcance de audiências do que os vídeos/programas das televisões tradicionais que, de facto, apresentam melhor imagem e um argumento previamente estabelecido. É claro que tudo tem o seu lugar. Uma boa curta-metragem necessita de um argumento? De um cuidado acrescido em termos da qualidade de produção e realização? Verdade. Um documento e um filme idem. Mas hoje há lugar para outros tipos de vídeos, mais crus, mais orgânicos. Afinal, uma queda de bicicleta ou um acidente de carro, por si só, podem ser apenas mais uma ocorrência negativa. Mas se juntarmos várias imagens de quedas, algumas mais desastrosas do que outras, podemos criar um vídeo global com capacidades virais. Há dúvidas? Perguntem ao YouTube.



João Filipe Pestana
Jurado na categoria 'Vídeo'



Jorge Sousa
Jurado na categoria
'Investigação Histórica'

Em que medida o conhecimento da história pode contribuir para compreender o presente?

É fundamental conhecer a História para perceber os comportamentos dos povos, dos seus governos, do percurso das sociedades, da evolução do pensamento e do saber. A História, a Filosofia, a Matemática, a Língua e Literatura Portuguesa e o Inglês deveriam ser disciplinas obrigatórias em todo o percurso académico. Do ensino básico ao superior.

Só o conhecimento do nosso percurso enquanto Povo permite perceber o presente. Por exemplo, num momento em que vivemos uma pandemia terrível, é importante saber que, há 100 anos, o mundo enfrentava algo semelhante.

Conhecer as raízes culturais e as tradições, a evolução política e os marcos que nos fizeram o país e a sociedade que somos é fundamental para perceber o presente. É fundamental conhecer as tradições, mas também saber o que foi a ditadura, a Guerra Colonial e a Revolução dos Cravos, a epopeia dos Descobrimentos e os prémios Nobel de Egas Moniz e Saramago.

A memória, vivida ou aprendida, é uma joia sem preço.

Um trabalho fidedigno depende muito da veracidade das fontes. Como deve proceder o jovem investigador/historiador?

Em primeiro lugar, seguir regras do jornalismo: ouvir várias partes, cruzar fontes e procurar por si próprio. A melhor investigação é a que resulta dos factos apurados pelo investigador.

Depois, ouvir. Dar voz a quem viveu os acontecimentos é fundamental. A quem esteve lá, não a quem diz que ouviu dizer.

Num tempo em que somos agredidos por todo o tipo de *fake news* e em que as redes sociais pretendem usurpar o espaço de quem tem a missão de informar, é fundamental dar pouco crédito ao que nos cai nos telemóveis e no Facebook. A maioria das informações que chegam através das redes sociais são falsas, pouco credíveis ou parciais. Ir para o “terreno”, falar com as pessoas, procurar e “escavar” é muito melhor.

As questões colocadas trazem-nos à memória as 'Cartas a um jovem poeta' (Rilke, 1929), tão atuais hoje, como o foram há 100 anos. Não se sabendo se os jovens que o projeto procura incentivar serão, ou não, futuros poetas da dimensão de Franz Kappus – o militar, candidato a poeta que troca as cartas (postumamente publicadas) com Rilke – nem nós, muito menos, outro Rilke, inclinamo-nos perante a intemporalidade da poesia. Assim, na senda do próprio Rainer Maria Rilke, o que importaria alertar seriam as incertezas da vida, as escolhas, a criatividade, a solidão, ...

Nesse sentido, e como bem alerta na última carta, «a arte é apenas uma outra forma de vida».

A escrita poética dos jovens vem eivada de intimidade e é um reflexo fiel das suas emoções, sentimentos, alegrias, medos, anseios, constituindo uma forma privilegiada de se darem a conhecer, para além de manifestarem as suas atenções e preocupação para o mundo que os rodeia, assumindo destaque as preocupações com a sociedade, o planeta, o futuro.

Como refere o poeta José Tolentino Mendonça, «A poesia é uma arte da escuta. (...) é um contributo fundamental para a audição do dizível e do indizível, do visível e do invisível» (Mendonça, 2019). No mesmo sentido, concorre o filósofo Agostinho da Silva ao defender que «O mundo acaba sempre por fazer o que sonharam os poetas» (Silva & Monteiro, 2009).

Para nós – adultos e educadores – a poesia produzida pelos jovens é uma fonte de conhecimento, um conjunto de pistas que importa seguir, para melhor atendermos aos anseios dos que serão os construtores do futuro.

Mendonça, J. T. (2019). *Uma beleza que nos pertence* (Quetzal (ed.); 1.a ed., Quetzal.

Silva, P. N. da, & Monteiro, A. C. N.-L. 108365 V. . L. 108365 V. (2009). *Citações e pensamentos de Agostinho da Silva*. Casa das Letras.



Francisco Fernandes
Jurado na categoria 'Poesia'

Se tivesse de escrever uma "carta a um jovem poeta", o que lhe diria?

Para que serve a Poesia?



Luisa Spínola

Jurado na categoria 'Ilustração'

O mapa mental foi a maneira mais eficaz que encontrei para deixar uma mensagem aos jovens do 'Ponto e Vírgula'. A sua liberdade criativa, aliada ao aspeto lúdico, ajuda a fixar ideias e a visualizar o processo criativo num todo.

Foi este o motivo pelo qual optei por responder às questões através de um mapa mental, uma abordagem não linear. O formato é convidativo para que possas reter as principais ideias, pesquisares ainda mais e aprofundares a temática do desenho e da criatividade.

Que mensagem deixa aos jovens que gostam de desenhar?

Para ser criativo é preciso ser incoformado?

3.

Um diário gráfico pode ser uma boa companhia. Escreve e desenha as tuas ideias, faz recortes de imagens que te chamaram a atenção, escreve citações, mas acima de tudo desenha muito, todos os dias. Cria este hábito, acredita, vais desenhar cada vez melhor.

2.

Sê curioso. O cérebro recebe, através dos sentidos, uma grande quantidade de informação e estímulos. Foca-te no que é importante para ti, treina a tua atenção. Desenha.

1.

No centro do desenho e da criatividade estás **TU**. Desperta os teus sentidos, o desenho não é só visual, ele é também sonoro, tátil, tem cheiro de memórias e sabor.

8.

Não uses borracha quando estiveres a desenhar, a não ser que o teu instrumento para fazer o desenho seja uma borracha. Aceita e ultrapassa os borrões que acidentalmente te aparecem no caminho.

4.

Verbos importantes para quem gosta de desenhar e não só: observar, contemplar, refletir, silenciar e brincar, ações essenciais para desenvolveres a criatividade. Desenha.

7.

A perfeição não existe. Aceita a tua maneira única de te exprimir.

5.

A criatividade não é um talento, nem um dom, há pessoas que são criativas e há pessoas que se tornam criativas. Então, amplia o teu campo de conhecimentos e ação, existem ferramentas e técnicas para desenvolver a criatividade e gerar ideias. Desenha.

6.

Expande os teus horizontes, "sai da tua zona de conforto", lê mais, vê mais, pesquisa mais, usa o pensamento crítico. Desenha mais.

Que conselhos daria aos jovens que pretendem seguir a área de jornalismo/comunicação social?

Se estiverem mesmo apaixonados pela nobre missão de informar, não hesitem em exercitar as sublimes liberdades consagradas, mas não tenham ilusões. Ser profissional da comunicação social é bem mais do que ser famoso ou influente, vedeta ou comentador. Exige tempo que não é controlado pelo relógio, disponibilidade para demorar-se nos lugares inimagináveis e com as pessoas menos previsíveis, respeito pelas regras deontológicas, exposição ao escrutínio, capacidade de resistência, trabalho em equipa e ambição pela inovação.

Como o nosso maior bem é a credibilidade, devem ter um pacto com a verdade e uma conduta irrepreensível, assente em valores e no propósito fundamental da profissão, o de partilhar o que é importante e o que é interessante, o maior número de informações para que quem nos lê e ouve possa fazer, em cada instante, escolhas conscientes.

Quem quer dar o melhor de si no jornalismo e na comunicação deve ter hábitos de leitura, escrita cativante, ideias brilhantes e sobretudo vontade em servir, o que, em grande parte do tempo, nos obriga a uma intensa escuta ativa.

Na sua opinião, que qualidades deve ter um bom repórter?

Deve ter muitas, mas antes de tudo ser honesto, capaz de retratar e interpretar com rigor, objetividade e imparcialidade o que sente, ouve e vê. Para tal, importa que também seja atrevido e curioso, inconformado e desconfiado, o que implica perguntar com insistência, cruzar dados, ouvir as partes, certificar-se antes de publicar, bem como partilhar de forma perceptível e com qualidade, logo, sem erros, nem hesitações, sem plágios, nem afrontas infundadas, sem sensacionalismos, nem mentiras.

Deve interessar-se por aquilo que tem relevante interesse público, tentar perceber a causa das coisas e ver para além do óbvio, para depois melhor contar a história aos outros, fugindo à rotina, evitando protagonismos, sendo humilde.



Ricardo Miguel Oliveira
Jurado na categoria 'Reportagem'



Graça Alves

Jurado na categoria 'Conto'

O que torna um conto inesquecível?

Há histórias que nos marcam para a vida, porque nos tocam num momento especial, porque dizem de nós e das nossas coisas, porque trazem memórias, porque falam a língua do nosso coração... Os contos ficam associados a bocadinhos de nós, a gente que, por um qualquer motivo, reconhecemos nas personagens, a momentos importantes, à vida. Os contos inesquecíveis são os que trazem encontros à nossa vida.

E vão ficando connosco, às vezes para sempre. Tenho contos assim, na minha vida. Guardo em mim os contos da Sophia de Mello Breyner Andresen, as histórias do meu princípio ou a Estrela, do Vergílio Ferreira.

Que hábitos de escrita gostaria de aconselhar aos mais jovens?

Escrever ajuda-nos a pensar, a clarificar o mundo que existe dentro de nós, a dar a nossa voz a leituras que fizemos, a vivências, a dores, a alegrias.

Escrever é também escrever(-se), escrever o mundo. Nós somos os autores da nossa própria história, da nossa liberdade, do nosso domínio sobre o mundo.

Escrever salva(-nos). Por isso, escrevam, escrevam muito. E leiam. As palavras (as dos outros e as nossas) têm o poder de mudar o mundo.

«Não é tanto o que se olha, é o que se vê...» Henry David Thoreau

Em plena era digital, os *smartphones* e as redes sociais enchem a nossa vida de ruído, numa “enxurrada” de informação, numa forma de censura inversa... Os nossos sentidos sobrecarregados estão em constante “estado de choque”, processando uma avalanche de informação que prolifera no nosso quotidiano, vinda de proveniências cada vez mais ambíguas... um fardo!

A fotografia, como linguagem, é universal, tem uma qualidade inata, não precisa de tradução (como uma língua estrangeira). Tem voz própria, é omnipresente. Esse poder inerente deve ser abordado com consciência e responsabilidade, tanto na sua produção, como na sua disseminação. Logo, precisamos de uma nova literacia visual onde a fotografia, a imagem e a sua interpretação possam ajudar-nos a navegar neste oceano de informação – algo que nos permita ter um melhor sentido da realidade que nos rodeia, questionar o comportamento humano da sociedade atual e, igualmente, ilustrar o melhor que o mundo tem para oferecer: *Enjoy!*

Esta “análise forense” é a ferramenta essencial porque nos fornece, e amplia, o nosso sentido crítico, porque permite decifrar o real e o fictício, distinguir o emocional do racional e, mesmo, do irracional. No seu essencial, a fotografia capta um momento – essa ação tem rumo e propósito, provoca uma reação. Pode produzir clareza e ser construtiva, ter humor ou, mesmo, ser ambígua e enviesada.

O desafio do fotógrafo vai para além de, simplesmente, “captar” uma imagem... ele passa uma mensagem através de uma linguagem própria, tão perceptível como quando lemos um bom livro, vamos a um concerto, vemos um filme ou peça de teatro, contemplamos uma escultura, nos fascinamos com uma bela peça arquitetónica ou, mesmo, com uma imagem que nos faz parar e fazer uma leitura mais cuidada. O autor terá de ser verdadeiro consigo próprio, ter a coragem de criar um relacionamento único com o objeto em foco e, assim, despertar os sentidos do observador da obra.



Simon Zino
Jurado na categoria 'Fotografia'

«Um pouco de perfume sempre fica nas mãos de quem oferece flores...»
– Provérbio Chinês



+CRIATIVIDADE



Novembro de 2020
Matilde Brazão
 ES de Francisco Franco
 (Funchal)

Dezembro de 2020
Beatriz Mendes
 EBS da Ponta do Sol



Janeiro de 2021
Matilde Brazão e David Pestana
 ES de Francisco Franco
 (Funchal)

Fevereiro de 2021
Paula Álvaro
 EBS da Ponta do Sol



Março de 2021
Catarina Canada
 EBS de Machico

Na edição de março do PV, brilhou um 'Raio de Sol' e garantiu o Prémio '+Criatividade' à Catarina Canada, aluna da EBS de Machico. O PV esteve com a aluna e quis saber a fonte de inspiração: «O meu poema fala do sol como uma esperança no meio da escuridão. O sol é sempre a nossa luz. Temos de transmitir para o papel aquilo que nos dá vida e não apenas o que nos angustia. As pessoas, normalmente, escrevem quando estão tristes e nunca pensam em fazê-lo quando estão felizes. Talvez tenham mais criatividade nesses momentos... No fundo, usam a escrita como um desabafo.» Desde pequena gosta de escrever poemas e a sua fonte de inspiração são os seus pensamentos e o seu silêncio.

Abril de 2021
Margarida Brazão
 ES de Francisco Franco
 (Funchal)



Em abril, o último '+Criatividade' premiou o texto 'Abraços Confinados' da Margarida Brazão. A escolha do trabalho vencedor coube ao professor Diogo Correia Pinto, Diretor do Curso Profissional das Artes do Espetáculo. Em conversa com esta aluna da ES de Francisco Franco, ficámos a saber que não é possível confinar um abraço, e que – embora haja circunstâncias na vida que não podemos controlar – «podemos sempre adaptarmo-nos e faz parte termos esta capacidade de evoluir.» Aos colegas que nunca arriscaram participar no PV, Margarida refere que não perdem nada em tentar e que, quando nos desafiamos em áreas que não nos são confortáveis, conseguimos crescer. Quanto ao reconhecimento, acredita que a motiva a escrever muito mais.

Prémios
la Vie
 FUNCHAL
 SHOPPING CENTER

DIÁRIO
 de Notícias

os nossos parceiros

Atividade com os correspondentes do 'Ponto e Vírgula'

16 de outubro de 2020



'Abaixo o Walt Disney!'

Uma representação crítica das histórias

No dia 18 de maio, as vencedoras das edições de março e abril do '+Criatividade' rumaram ao Conservatório – Escola das Artes (CEPAM) para usufruírem de uma experiência na área de Teatro. O professor Diogo Correia Pinto deu as boas-vindas às duas alunas e apresentou-as à turma do 1.º ano do Curso Profissional de Artes do Espetáculo – Interpretação, que preparou e interpretou a peça de teatro 'Abaixo o Walt Disney!', numa visão crítica das histórias. Os aplausos demonstraram o entusiasmo da plateia e sublinharam a sua irreverência, num corolário ideal para a colaboração do CEPAM com o PV.